



O cotidiano fraturado em *Aquí pasan cosas raras*, de Luisa Valenzuela

Maria Mirtis Caser (Ufes)

Nesta leitura de *Aquí pasan cosas raras*, de Luisa Valenzuela, analisam-se os acontecimentos violentos e insanos que fraturam a vida cotidiana da gente comum, moradora de uma capital, que, em alguns dos relatos, é diretamente nomeada Buenos Aires. Surpreendidas pelo nonsense dos episódios orquestrados pelas forças policiais das chamadas “Guerra sucia”, as personagens tentam sobreviver apesar do medo, da angústia, da insegurança, da “cuerda floja” em que têm de se equilibrar. Com ironia, humor negro, e jogos de palavras que caracterizam seu discurso, a contista mimetiza a estupefação produzida pelos efeitos da política imposta pela ditadura. Nos relatos “*Aquí pasan cosas raras*”, que dá título à compilação, “*Los mejor calzados*”, “*Sursum corda*” ou “*El lugar de su quietud*”, Valenzuela registra o silêncio imposto pelo autoritarismo, a inevitável autocensura do narrador e a imobilidade coletiva frente aos desmandos oficiais. As anotações de Luis Alberto Romero (2004) e de Francine Masiello (1987) sobre o “Proceso” na Argentina e de Andrea Parada (1999) sobre a revisão histórica estabelecida pelo discurso valenzuelano compõem a base da crítica para o trabalho.

